

434

MUNDO GRÁFICO



1 SET. 1946



Ano VII

N.º 134

Abril de 1947

Director e proprietário
Diniz Bordallo Pinheiro
Editor
Carlos Abreu

Composição e impressão
Oficinas do «Jornal do Comércio e das Colónias»
R. Dr. Luís de Almeida e Albuquerque, 5
— LISBOA —

MUNDO GRAFICO



1911

7.131

1911 de 104

Director e administrador
MUNDO GRAFICO
Editor
Carlos Arce

Ludwing von Beethoven

LUDWIG van Beethoven, o grande e incomparável Beethoven, nasceu em Bohn, a 16 de Dezembro de 1770.

A sua triste infância e as condições amargas da sua existência fizeram dele um ser retraído e triste, um ser predestinado para grandes sofrimentos.

O pai, que lhe ensinava música e que pretendia exhibi-lo, como um génio precoce, obrigava-o a um longo e pesado esforço, exigindo-lhe horas e horas de estudo demastadas, para a sua fragilidade de criança.

Aos 6 anos, trabalha já sem descanso, e aos 11, faz parte de uma orquestra e substitui o organista oficial da corte.

São seus primeiros mestres Henrique van der Eeden, Pfeiffer e Amadeu Neffe.

Como se torna necessário aperfeiçoar-se, parte para Viena, em 1789, onde vai tomar lições com Haydn.

Pouco tempo depois regressa a Bohn, e só, em 1792, volta de novo a Viena, onde continua os seus estudos com Albrechtsberger e Salieri. Ai, a 29 de Março de 1794, aparece pela primeira vez em publico, como pianista e compositor.

Dedica-se então a escrever grande numero de sonatas, que, com o advento das lições, lhe dão o suficiente para viver.

Em 1801 ensurdece. A sua obra torna-se de facto a obra gigantesca de um génio.

No principio da sua doença compõe 5 sonatas e a conhecida «Clair de Lune», inspirada nos amores contrariados de Julieta Guicciardi. Nos anos seguintes, de 1802 a 1806, aparecem ainda outras sonatas, entre as quais a «Apassionata» e também a «Sinfonia Heroica».

De 1807 e 1815, escreve algumas das suas famosas sinfonias, os célebres quartetos e a sua unica ópera «Fidélito».

Mas Viena não o compreende. Assaltada pelas óperas italianas e pela musica de Rossini, quase esquece o génio.

Em Maio de 1824, Beethoven vê realizado o seu sonho. A «Nona Sinfonia» e a «Missa em ré» são apresentadas em publico. Pela primeira vez o êxito é tal, que o Mestre torna-se alvo das maiores manifestações.

O resultado material foi porém



nulo, e Beethoven continua a lutar com toda a espécie de necessidades e de desgostos.

Adoecendo, no Inverno de 1826, com um resfriamento, que o médico descurou, a continuação dos seus projectos torna-se porém impossível.

Durante 3 meses encontra-se gravemente doente, e até o Inverno de 1827 não deixa o leito, onde «todo o seu sofrer se torna um bem», porque, como ele disse, «põe fim á tragédia da sua vida».

A EMISSORA NACIONAL TRANSMITE:

3.ª feira, 22, das 13,15 ás 13,45

QUARTETO EM LA MAIOR, OP. 18

- I — Allegro
- II — Menuetto
- III — Andante com variações.
- IV — Allegro

QUARTETO CAPET

5.ª feira, 24, das 13,40 ás 14

SONATA EM MI MAIOR, OP. 109

PIANO: KEMPFER

Sábado, 26, das 13,40 ás 14

LEONOR — ABERTURA N.º 3

ORQ. da N. B. C., dirigida por TOSCANINI

maior brilhantismo possível a essa cerimónia.

Da comissão organizadora dessa festa fazem parte várias individualidades em destaque no nosso meio musical e artístico, entre as quais recordamos ter visto os nomes dos srs. dr. Casimiro de Carvalho, compositor de distinto merecimento, e o «maestro» Virgílio Pereira, também um taentoso compositor.

«Rádio Nacional» congratula-se por ver em marcha a sua sugestão, e é com todo o prazer que se associará á homenagem que é de justiça prestar ao «maestro» Raul de

Causo a recepção ...

MARIA HELENA — Almada

Sim, eu tenho necessidade de um secretário para dar volta a tanta correspondência. Convinha-me um que trabalhasse de graça e estivesse sempre a pedir diminuição de ordenado. Mas quer crer que o que me aparece é exactamente o contrário?

Quanto á sua pergunta: ora como é que eu ei-de saber de que Melo é que a estimada consultante me fala?

Conheço António Melo, compositor de canções para os Remartinez, por exemplo; o dr. Pedro Melo que faz os «Comentários Desportivos de Rádio Juventude»; o dr. Rodrigo de Melo autor de «Crítica Teatral» em R. C. P.; o Rui de Melo autor e montador de programas em R. J. e ainda... a cancionista Graciete de Melo das Variedades da E. N., etc.

Já estive para metê-los todos num saco, numerá-los e tirá-los um a um, uma sexta-feira depois de saber o numero da sorte grande.

Ora escreva outra vez, sim?

PERGUNTAS E MAIS PERGUNTAS

Jesus! Que avalanche!

«Imagens Espanholas» é um programa do dr. Vasco Vidal no C. R. P.

O seu Quarteto era uma monstruosidade: tinha cinco componentes. Já viu? Não entra nele nem Inah Constança nem Maria Lemos. Mas acrescento Maria Fernanda.

Não temos ouvido falar de Teles Pinto, nestes tempos mais próximos. Nomes de alguns programas seus e que o tempo levou: «Ver, ouvir e falar», (R. R.) «Music-Hall» (C. R. P.), «Vidas Extraordinárias» (R. R.), «Janela sobre o mundo» (R. R.), «Quinzena lírica» (C. R. P.), «Notas fora da pauta» (C. R. P.), «A. B. C. das Donas de Casa» (R. R.), «Prazer em conhecer» (C. R. P.) «Momento Musical» (R. R.).

Programas que se destinam a responder a perguntas dos ouvintes ocorrem-me os que seguem: «Quer

Lemos, conforme o confirmam as inumeras cartas e bilhetes postais que continuamos a receber de variadíssimas pessoas, entre as quais destacamos pelas boas palavras nelas contidas, as recebidas dos srs. Domingos Gomes de Pinho e Vitorino R. Santos.

A comissão continua a reunir-se, tendo recebido já valiosas adesões.

● Consta que a delegação do S. N. I. nesta cidade vai dar novas directrizes, assenta em bases diferentes, ao conjunto de Rádio-Teatro daquele organismo. Parece que será abandonado o teatro radiofónico para surgir qualquer coisa de diferente e com outras características.

Bom será que o conjunto de escritores e intérpretes se não desorganize, pois era o que havia de melhor no nosso meio.

● Humberto Mergulhão, Fernando Vitorino de Sousa e David de Sousa apresentaram na «Orsec» o programa especimen da «Sonarte», uma organização publicitária nova que pretende explorar este ramo em moldes inteiramente novos. Foi um programa em cheio no qual

um conselho?» (R. C. P.). «Quem pergunta quer saber» (R. R.). «Pergunte que nós responderemos», rubrica das «Actualidades Radiofónicas» de (R. C. P.).

Quer o meu amigo «Perguntas» dizer com esta pergunta que agora vai perguntar para outra freguesia?

MARIA ALEXANDRA — Barreiro

Está contente?

Assim o espero.

Respostas: A locutora em questão pode ouvir-se no programa «Coneha a sua terra», da E. N.

A visita a qualquer emissora de que fala, qualquer delas a receberá de braços abertos. A proposta para filiação — de que não fala — vem depois. Ou vem mesmo antes se a consultante tardar muito.

Antes que esqueça: já descarreguei os cumprimentos que me mandou no «Queen Mary» e estou procedendo á carga do mesmo paquete com um artigo similar: algumas toneladas (peso líquido) de cumprimentos sob Barreiro.

Espero que a travessia seja breve.

MARIA CANDIDA — Lisboa

Faz-me a justiça de acreditar que a sua primeira hipótese é que é a verdadeira, não faz?

Ainda bem.

Agora o seu pedido para publicar a foto do Artur Agostinho o menos feia possível, como você diz — farte-me de rir, quer crer? — deixou-me bastante embaraçado.

Sim, porque já ouvi sobre a questão várias opiniões femininas e enquanto umas entendem que o remédio não está no fotógrafo mas sim num Instituto de Beleza outras opinam que está no barbeiro.

«Esteja ou não no barbeiro, o facto é que o pedido dá-nos água pela barba».

A minha simpática correspondente distribui-me cada incumbência!

Diga lá: qual é a próxima?

Dr. Micro

colaboraram Maria Manuela Souto Viana, Artur Agostinho, Tito Livio, Manuel de Freitas, e outros. O programa, que tinha o titulo sugestivo de «Ovo de Páscoa» incluiu teatro radiofónico, versos, solos de viola, canto, entrevistas, etc.

Os organizadores desta emissão especial receberam, no final muitos cumprimentos de parabens, pois, de facto, foi uma coisa que há muito se não via na nossa rádio particular.

● «Electro-Mecanico» apresentou numa das suas emissões da semana passada uma colecção de discos esplendidos. Ouvimo-la com interesse, porque a mereceu.

ENGLISH LIFE AND LANGUAGE

A Magazine for Students of English
Every Month, Price 6d.

MONTAGUE HOUSE, RUSSELL SQUARE, LONDON W.C.1, ENGLAND

AQUI, PORTO!

NOTÍCIAS & COMENTÁRIOS

(CONTINUAÇÃO DA 2.ª PAG.)

No entanto, bom será que se não verifiquem os boatos que correm, dando como para breve o afastamento de Silva Campos, que é um cantor e locutor de recursos, dispondo de voz bem soante, e que é igualmente uma das melhores «coisinhas» que a rádio nortenha ainda conta no seu meio.

● A homenagem a prestar ao «maestro» Raul de Lemos, que havíamos indicado se efectuará no dia 19 do corrente, foi adiada para dias depois, com o fim de se poder dar o





Para bem compreender e sentir Montparnasse, estimados ouvintes, é preciso andar por aquelas ruas velhas cheias de recordações, por aquelas ruas banais a que essas recordações tiram toda a banalidade. Depois de termos respirado o ar daquele bairro de Paris, depois de termos comido caracóis no «Café des Iles Marquises», e de termos bebido um copo de bom vinho francês no «Café des Deux-Magots» — precisamos de ler os livros de Michel George Michel, de Francis Carco, de Blaise Cendrars. E precisamos também, de ver os quadros, de ler as obras, daqueles que enchem para sempre de grandeza o bairro de Montparnasse: Max Jacob, Guillaume Apollinaire, Picassot, Matisse, Modigliani, Kisling, e tantos outros.

Hoje, em Montparnasse, ainda se vêem artistas de barba crescida, de

Uma palestra ao microfone da E. N.

Na rubrica "Música das Cidades"

Rui Bandeira evocou PARIS

olhos brilhantes, vestidos com um fato velho e rasgado, sem gravata e com buracos nos sapatos. Hoje ainda há boémios em Montparnasse. Homens que comem quando podem e bebem quando têm dez francos na algibeira. Homens que pintam, que escrevem, que pensam... que têm os seus «ateliers» em quartos miseráveis e que desprezam soberanamente o dinheiro...

Mas hoje — tudo isto cheira a «pose», a artificial, a atitude. Hoje, a boémia de Montparnasse não é

mais do que um pálido reflexo, uma má imitação daqueles tempos que já não voltam...

A pintura moderna, com todas as suas escolas, desde o «cubismo» ao «super-realismo», passando pelo «impressionismo», nasceu nas pobres mansardas de Montparnasse, e também de Montmartre. Quase todos aqueles que sentiam dentro de si um ideal estético, que tinham qualquer coisa a dizer, que eram pobres, que viviam aos tombos, mais tarde ou mais cedo alugaram o seu quarto em Montparnasse. Picasso, o mais célebre de todos, passou por lá, com a sua arte revolucionária. Apollinaire e Max Jacob deram um rumo novo à poesia, sentados a um café de Montparnasse. Mas o pintor que resume toda a miséria e toda a grandeza de uma geração é Modigliani.

No dizer das mulheres, Modigliani era belo. Tinha os cabelos escuros, a cara morena, os olhos negros e sonhadores. Era alto, elegante, bem feito. As mulheres gostavam dele, mas, pouco a pouco, a sua vida de boémio foi-o estragando. Modigliani era um grande pintor, um dos melhores e mais sinceros artistas de todos os tempos. No seu velho quarto sem luz, Modigliani pintava. Pintava quadros tristes, caras pálidas, quase aflitas, mas cara que reflectiam todo o desespero do homem. Modigliani era um grande pintor, um génio, mas ninguém o sabia.

Quando os amigos se esqueciam de o convidar para almoçar, quando já não comia há vinte e quatro horas Modigliani partia tristemente com os seus quadros debaixo do braço à procura de compradores. Mas quem acreditava num génio com fome, num génio maltrapilho, num génio de olhos tristes, a cheirar a álcool, e a vender os seus quadros por qualquer preço? Até que Modigliani oferecia, nos cafés, quatro ou cinco quadros por um prato de feijão e um copo de vinho tinto. Esses quadros, que o grande pintor dava aos donos dos cafés e dos restaurantes, os colecionadores americanos compram-nos por milhares de dólares. Mas o génio só é conhecido depois de morto. Enquanto ele vive ninguém é capaz de o reconhecer. E assim, Modigliani,

arrastou toda a sua vida. O seu amigo Zhorowsky percorria toda a cidade com os seus quadros, para que Modigliani pudesse comer. Para comer, Modigliani fez tudo — pintou quadros para um antiquário que lhe pagava ao dia, como se tratasse de um vulgar pintor de tabuletas, pediu, quase mendigou. E acabou por morrer de miséria, com fome, sem dinheiro para comer, caído na neve à porta dum café onde o não deixaram entrar.

Logo que em Paris se soube da morte de Modigliani, todos se lembraram, de repente, dos seus belos quadros tristes. E de um dia para o outro, Modigliani tornou-se num génio desaparecido. Centenas de pessoas foram ao seu enterro. Estavam lá todos que lhe tinham dado comida por um quadro, todos aqueles que o tinham explorado, todos aqueles que lhe tinham recusado uma esmola. Estavam também os amigos fiéis, os grandes da sua geração: Picasso, Salmon, Blaise Cendrars, para quem a sorte tinha sido mais favorável...

TALVEZ O LEITOR SAIBA
a quem Maria Beatriz dedicou
ESTA CANÇÃO...
Será a si que ela se confessa?...



Maria Beatriz

Gostávamos de saber.
Palavrinha que gostávamos mes-
mo de saber em quem é que a Ma-
ria Beatriz — aquela rapariga de
sorriso bonito, olhos tão meigos e

pestanas tão grandes e tão pretas,
que todos os ouvintes conhecem —
estava pensando quando cantou
esta canção... «Eternamente»

É que Maria Beatriz, cantou-a
como se a visse e deu tal senti-
mento ás palavras, que, dizia-se,
podemos afirmá-lo porque a ou-
vimos, estava talvez sem o querer,
confessando um grande amor —
desiludido!

Deixa-me viver nesta ilusão
De que no teu coração
Ainda vivo p'ra ti!

Vá, atenda esta suplica,
Não o comoves estes três versos?
Ande, escreva-lhe, diga-lhe que
mente, não a faça mais sofrer...
Se nós soubéssemos quem era,
Será a si que ela se confessa?...

*Tu podes proibir-me que te fale
Tu podes proibir-me que te espere
Mas nada há que impeça que eu me rale
E que te queira mais que outra qualquer.*

*Tu podes proibir que te procure
E diga que fui tua unicamente
Não podes proibir que este amor dure
A minha vida toda eternamente*

*Deixa-me viver nesta loucura
De me cansar á procura
Do teu amor que perdi!
Deixa-me viver nesta ilusão
De que no teu coração
Ainda vivo p'ra ti!*



*Deixa-me ser tua meu amor
Que nunca o meu rancor
Fará mal a alguém.
Deixa-me dizer a toda a gente
Que és meu unicamente,
Não és de mais ninguém.*

*Eu oiço os passos teus que bem conheço
No passeio da rua onde moro
Eu oiço a tua voz que não esqueço
E vejo-me sózinha quando choro.*

*Proíbe-me a ventura de sentir-me
Ao pé de ti — como senti outrora
Mas deixa-me viver e iludir-me
Que vens bater-me á porta noite fora.*

Deixa-me viver, etc., etc.



MADE IN ENGLAND

PHILIPS

PHILIPS





MAIS UM PHILIPS 1947

O NOVO PHILIPS 660 X

Um dos melhores receptores de alta fidelidade que leva o nome PHILIPS.

Este modelo possui todas as qualidades que fizeram do nome PHILIPS um símbolo de excelência no mundo inteiro, incluindo o desdobraimento automático de banda, o que torna a captação de ondas curtas tão fácil e segura como a de ondas médias.

Peça uma demonstração nos revendedores autorizados de:



PHILIPS

DE SOM NATURAL COMO O CANTO DAS AVES